

# MISSÃO SILENCIOSA NA AMAZÔNIA

**DEOLINDA OLIVEIRA MONTEIRO**

Jornalista da *RMB*

Depoimento de **JOSELITO PEREIRA DE QUEIROZ**<sup>1</sup>

3º SG-MR

Todas as fotos do depoente

---

## SUMÁRIO

O NAsH *Oswaldo Cruz*

As comissões

*As comunidades indígenas*

*Os “bregas”*

*O caboclo*

*Assistência além-fronteiras*

Impressões da Amazônia

“Levar saúde a uma parcela da população que tanto precisa e que quase nada tem é uma missão nobre. Nosso trabalho é uma gota d’água no oceano, mas é reconfortante e maravilhoso ver o brilho nos olhos do caboclo quando chegamos ao seu mundo.”

O depoimento emocionado é do Terceiro-Sargento (MR) Joselito Pereira de Queiroz, que durante cinco anos serviu no Navio de Assistência Hospitalar (NAsH) *Oswaldo Cruz*.

E é também com os olhos brilhando que o Sargento Joselito fala do trabalho desen-

---

1 N.R.: O Sargento Joselito passou a servir no Serviço de Documentação em *janeiro* de 2003. Como marinheiro, serviu no CT *Marcelio Dias* (dois anos); depois de cursar, embarcou no NAeL *Minas Gerais* (oito anos) e três anos na Diretoria do Pessoal Militar e outros tantos na Capitania de Pernambuco. Esteve embarcado no NAsH *Oswaldo Cruz* por cinco anos e meio, perfazendo 489,5 dias de mar (rio) e navegando 51.836 milhas.

volvido pelo navio e da valiosa experiência adquirida entre os anos de 1997 e 2002, quando, nas funções de contramestre e mestre, navegou os rios da região amazônica integrando uma das equipes encarregadas de levar assistência às populações ribeirinhas daquele singular pedaço do Brasil. “Foi a melhor fase da minha carreira na Marinha, uma lição de vida. Estou chorando de saudades até hoje”, diz.

## O NAsH OSWALDO CRUZ

O NAsH *Oswaldo Cruz*, subordinado ao Comando da Flotilha do Amazonas (sediada em Manaus), reveza-se com outros dois navios do mesmo tipo (seu irmão *Carlos Chagas* e o recentemente incorporado *Doutor Montenegro*) num trabalho desconhecido pela maioria da população brasileira: prestando assistência médico-hospitalar, sanitária e odontológica às populações ribeirinhas da região amazônica.

Foi com essa missão que o *Oswaldo Cruz* foi encomendado ao Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro pelo Ministério da Saúde, em convênio com o Ministério da Previdência e Assistência Social.

O navio teve a sua quilha batida em 9 de junho de 1982, foi lançado ao mar no dia 11 de julho de 1983 e, a 29 de maio de 1984, incorporado à Marinha do Brasil, que fi-

cou responsável pela sua operação. Em 28 de setembro de 1984 iniciou sua viagem para Manaus, sua sede definitiva.

O *Oswaldo Cruz* embarca um helicóptero e duas lanchas e possui dois ambulatórios, gabinetes odontológicos, um laboratório, uma farmácia, uma sala de raios X, duas enfermarias e uma sala de cirurgia. Nesta, são realizadas intervenções de pequeno porte, inclusive pequenas amputações.

Além da tripulação normal de um navio de sua classe, quando em comissão conta ainda com quatro médicos, dois dentistas, um farmacêutico e cinco enfermeiros.

## AS COMISSÕES

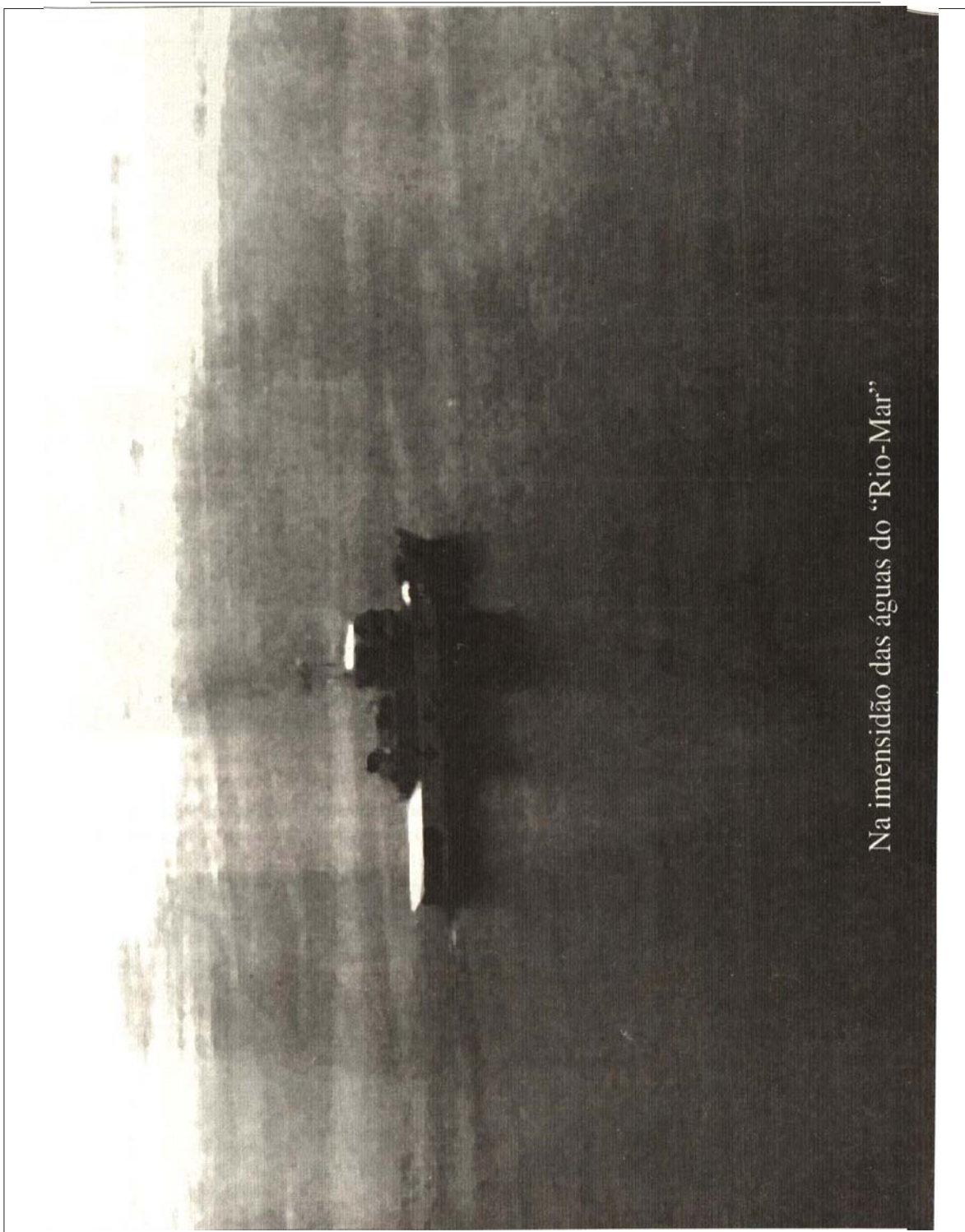
É com essa estrutura que o NAsH percorre as regiões denominadas Pólos de Saúde, conforme programação estabelecida pelo Comando do 4º Distrito Naval (Belém) em conjunto com o Ministério de Saúde e órgãos estaduais e municipais de saúde. Esta programação é feita com base em um mapeamento das áreas navegáveis dos rios de acordo com a

época do ano, obedecendo ao período das cheias. As comissões duram de 22 a 30 dias navegando em um determinado rio.

Equipe reunida, o navio começa a subir a calha do rio rumo às localidades escolhidas, com seus tripulantes vivenciando ex-



SG Joselito recebendo a 2ª âncora da Medalha do Mérito Marinheiro (750 dias de mar)



Na imersão das águas do “Rio-Mar”



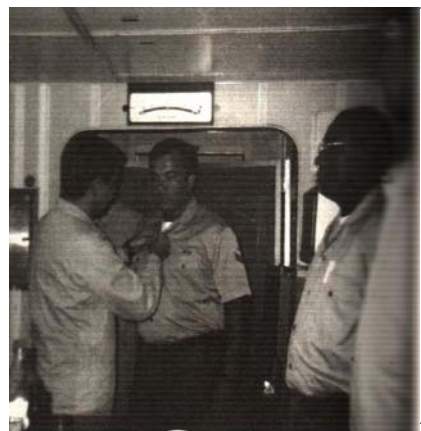
## A VIDA A BORDO

1 Resultado da pescaria das horas de folga

2 Licenciamento no exterior (Letícia – Colômbia)

3 SG Joselito é condecorado no refeitório de SOs e SGs com a primeira âncora da Medalha Mérito Marinheiro pelo seu comandante, CC Franco Junior

4 Comemoração dos aniversariantes do mês. Foto de 5 de fevereiro de 2001, aniversário do SG Joselito



periências que certamente ficarão para sempre gravadas em suas memórias.

“Estávamos navegando no Rio Jari entre Monte Dourado e Laranjal dos Pinhais, uma região em que o rio ainda sofre forte influência das marés. Em certo momento, o navio tocou o fundo e ficou ali por 18 horas, até a maré subir de novo. Foi um sufoco. Noutras vezes, o leme da embarcação dava o fora<sup>2</sup> e metíamos a proa no mato, sem que houvesse, normalmente, qualquer problema ou conseqüências. De vez em quando éramos pegos de surpresa pelos rios”, relembra o Sargento Joselito, ressaltando também um acidente ocorrido numa ocasião em que o NAsH subia o Rio Negro indo para Barcelos, no Estado do Amazonas:

“O navio montou numa pedra, que o caboclo chama de laje, e adernou cerca de 45 graus, de imediato, depois ficou encalhado com uma banda de 10°, aproximadamente. Ninguém se feriu. Para que ele voltasse a flutuar, realizamos a faina de alijamento de peso, procurando atirar para fora toda a carga possível, inclusive cerca de 40 tambores de 200 litros de combustível de aviação<sup>3</sup>. Só depois de o navio ganhar fluviabilidade é que pudemos resgatar o material e seguir viagem.”

Vencidos os eventuais problemas causados por aspectos geográficos e de navegação, o *Oswaldo Cruz* chega sempre

aos diferentes rincões da Região Amazônica com o propósito de contribuir para a melhoria das condições de saúde lá existentes. Para isso, além de prestar assistência sanitária e médico-odontológica, o navio conduz campanhas de medicina preventiva, com ênfase em imunizações contra as viroses infantis, patologias endêmicas e controle de doenças transmissíveis, e coleta de material para pesquisas de doenças tropicais e infectocontagiosas. Tam-

---

**... também realiza, uma vez por ano, a Operação Visão, quando são feitas cirurgias de catarata a bordo, com o auxílio de uma equipe médica especializada vinda de São Paulo, com todo o equipamento necessário**

---

bém realiza, uma vez por ano, a Operação Visão, quando são feitas cirurgias de catarata a bordo, com o auxílio de uma equipe médica especializada vinda de São Paulo, com todo o equipamento necessário. Em parceria, trabalha ainda com a Fundação Alfredo da Mata (do Estado do Amazonas), prevenindo e identificando ca-

sos de hanseníase.

Entre as doenças tropicais, a de maior incidência é a malária. A Marinha, através de exames laboratoriais feitos no próprio navio, identifica os casos e encaminha os doentes para tratamento. “Às vezes, quando apareciam casos graves, o doente internava-se a bordo e subia o rio com a equipe, enquanto esta visitava outras localidades, retornando na volta para sua comunidade já tendo recebido o tratamento inicial e saído da fase crítica da doença”, relata Joselito.

2 N.R.: “...o leme dava o fora e metíamos a proa no mato” significa ter o leme, isto é, o governo (direção) do navio sem funcionar e, por causa disso, o navio encalhava, de proa, numa das margens do rio.

3 N.R.: Aos não familiarizados: os tambores de qualquer combustível não vão a pique porque a densidade de seu conteúdo é bem menor que 1. É o sistema tradicional de abastecimento à Ilha da Trindade de um navio fundeado (não há cais). Jogam-se os tambores no mar e a correnteza os leva para a praia, onde são resgatados pelo pessoal de terra.

O serviço de odontologia também é um dos mais procurados, com média de 800 atendimentos em cada comissão.

Com entusiasmo, o sargento recorda os momentos em que o navio chegava às comunidades, nem sempre sendo recebido com naturalidade.

“Lembro de uma comunidade que visitamos às margens do Rio Trombetas. Quando chegamos, as pessoas pensaram que se tratava de uma operação de extermínio, de um ataque, e saíram correndo. Depois de fundarmos e baixarmos terra na lancha do navio, fizemos contato com uma moça que estava por ali realizando um trabalho de enfermagem. Ela então explicou à população que não se tratava de um ataque e a calma se restabeleceu para que pudéssemos cumprir nossa tarefa.”

O navio geralmente permanece em cada localidade por dois ou três dias, dependendo da afluência dos habitantes. “Às vezes o navio chega pela manhã e o afluxo é razoável, mas à tarde cresce bastante, pois começam a vir as pessoas que vivem em áreas dentro da selva, longe dos rios. Há ocasiões em que nem dá para atender todos dentro do período de permanência determinado”, conta o sargento. Para o atendimento às populações que vivem mais para o interior, são usadas, em alguns casos, as aeronaves do 3º Esquadrão de Helicópteros de

Emprego Geral (Esquadrão HU-3)<sup>4</sup>, helicóptero tipo *Esquilo*. Nesses casos, o atendimento é mais restrito, pois só embarcam, no máximo, quatro profissionais. Os helicópteros também são usados para a remoção de doentes, principalmente em casos de fraturas e outras contusões graves.

### *As comunidades indígenas*

Um capítulo à parte para quem integra as equipes de assistência às populações ribeirinhas é o contato com as comunidades indígenas.



Comunidade indígena de Belém de Solimões (AM), a 230 milhas a jusante de Tabatinga. Índias aculturadas sendo atendidas.

“As tribos aculturadas são predominantes, mas há aquelas menos civilizadas, que por vezes mostram-se retratadas, mas que, de um modo geral, acabam nos acolhendo e seguindo os conselhos médicos. E mesmo nas tribos onde a língua é nativa, há sempre um índio

que fala português, que serve de intérprete entre a equipe da Marinha e a população.

“Nessas tribos conheci costumes e usos que jamais imaginei existirem”, revela o militar, enfatizando a culinária silvícola, com o chibé e o peixe moqueado, “iguarias” que conquistaram seu coração e seu estômago.

“O chibé é um caldo feito com farinha e o moqueado uma espécie de peixe defumado que seca ao sol e ali fica exposto para quem quiser se servir. Cada índio só se serve do peixe uma vez ao dia. Eles usam o chibé como

4 N.R.: O Esquadrão HU-3, com sede em Manaus, foi criado em 1994, como resposta da Marinha à crescente importância da chamada Amazônia Ocidental no contexto da Região Norte do Brasil.



O *Oswaldo Cruz* “atracado” no seco, em Monte Dourado – Rio Jari, por conta da maré com amplitude de 5 metros

molho do peixe, que é acompanhado também do açai, tirado do açazeiro na hora.”

Conhecido pelos companheiros como “bom de boca”, o sargento Joselito degustava todos os pratos diferentes que surgiam em suas comissões. E elege como seu prato típico preferido o tacacá (espécie de bobó de camarão, só que mais diluído), não esquecendo, porém, do tambaqui assado na brasa que degustou inteirinho quando passava pela localidade de Barcelos. “Era de tão bom tamanho que o pessoal achou que eu não conseguiria. Eu mesmo achei que não iria

agüentar. Mas desceu muito bem”, diverte-se, revelando que os anos passados na

Amazônia serviram também para mudar seus hábitos alimentares. “Hoje como muito mais peixe. E minha esposa aprendeu a fazer caldeirada muito bem.”

#### *Os “bregas”*

Nas suas comissões, também ficou conhecendo os “bregas”, espécie de bares com música existentes nas localidades ribeirinhas.

“Depois de um dia estafante de trabalho, ainda tínhamos fôlego para ir a esses lugares, onde a música brega (como diz o

---

---

## **Lembro de uma comunidade que visitamos às margens do Rio Trombetas. Quando chegamos, as pessoas pensaram que se tratava de uma operação de extermínio, de um ataque, e saíram correndo**

---

---

próprio nome) corria solta. Lembro-me de um comandante que detestava este tipo de música, dizendo não entender como ouvíamos aquilo. Mas ele acabou se acostumando e até mudando de opinião. Tanto que voltou para o Rio trazendo um monte de CDs do gênero”.

### ***O caboclo***

Mas o que mais marcou o militar nos seus anos de serviço na Amazônia foram os casos envolvendo o caboclo, o elemento humano carente de recursos e necessitado de ajuda. Casos como o de emergência ocorrido em Porto de Moz (AM), com um menino entalado com as garras de um besouro gigante que o atingiu quando andava de bicicleta. “O bicho entrou pela sua boca e ficou preso na garganta, quase o matando. O *Oswaldo Cruz* estava

atracado próximo ao local e fez o atendimento, salvando o menino. Se não estivéssemos ali, certamente ele morreria.”

O óbito de um homem por *overdose* de cocaína e um nascimento em pleno Rio Purus são dois exemplos extremos da realidade da imensidão amazônica vivenciada pelos tripulantes dos navios de assistência hospitalar. “O homem morreu a bordo nas mãos do médico. Mas também a bordo um médico trouxe à vida uma criança depois de resgatar sua mãe de uma canoa no meio da madrugada. Ela gritava e pedia ajuda e, mesmo com a orientação que tínhamos de não parar à noite, a solidariedade falou mais alto e o comandante resolveu ajudar, permitindo que fosse feito o parto.”

Outro nascimento que ficou na história do *Oswaldo Cruz* foi o de uma menina, em

1991. Isso porque a mãe da criança, em agradecimento pelo trabalho da equipe médica do navio, resolveu homenageá-lo, batizando a filha com o nome de Oswaldina.

### ***Assistência além-fronteiras***

Este trabalho de assistência às populações ribeirinhas também vai além do território brasileiro. Visitando a área de fronteira com o Peru, na região do Rio Solimões, quando demandava o Rio Javari, a equipe do *Oswaldo Cruz* também atendia comunidades indígenas daquele país. “Éramos muito bem recebidos. Eles vêem o Brasil como um

país de Primeiro Mundo, onde há tudo de bom, tamanha é a pobreza que existe por lá.”

O Peru e a Colômbia são países visitados durante as Comissões Brascopes, que visam a um intercâmbio entre as três Marinhas, com a participação de várias unidades da Mari-

nha brasileira, inclusive de Fuzileiros Navais. A bordo do *NAsh Oswaldo Cruz*, o Sargento Joselito visitou especialmente as cidades de Iquitos (no Peru, às margens do Rio Maranhão) e Leticia (na Colômbia), prestigiando as comemorações de datas nacionais naqueles países.

“Uma vez ouvi o discurso de um menino colombiano de 9 anos que falava como um adulto e, mais ainda, como um especialista sobre questões como ecologia, ecossistema e biodiversidade. Fiquei emocionado e jamais esquecerei daquelas palavras.”

### **IMPRESSÕES DA AMAZÔNIA**

Naquele pedaço do Brasil, navegando no silêncio e na vastidão dos rios e com a grandeza e o mistério da floresta por teste-

---



---

**“Conheci estrangeiros que estavam lá há mais de cinco anos, fazendo pesquisas na região. A Amazônia é muito rica e todo mundo sabe disso”**

---



---

munhas, é impossível não deixar que o cenário de beleza singular muitas vezes se sobreponha aos quadros de extrema pobreza humana tantas vezes presenciados entre uma e outra curva de um rio.

E é o rio, essa estrada natural percorrida pelas tripulações dos NAsH, a fonte das maiores impressões que ficam gravadas em suas memórias.

“O Xingu impressiona por suas águas extremamente claras; já o Ipixuna, por suas águas incrivelmente negras povoadas de botos-cor-de-rosa, o que dá um contraste incrível. Tudo isso completado por uma paisagem com revoadas de araras, papagaios e outras aves tropicais. E, em Barcelos, é lindo ver os peixes-cardinais, criados para exportação”, descreve o sargento.

Mas os rios também revelam perigos. “No Madeira existe o ‘Lago dos Jacarés’,

um local perigosíssimo. Quem navega por ali deve pedir a Deus proteção. Várias vezes passamos por lá indo em direção a Porto Velho e víamos os jacarés enormes, prontos para atacar. Além disso, considero o Rio Madeira o mais perigoso de todos, pela grande quantidade de pedras existentes em seu fundo.”

Claros ou escuros, arriscados ou calmos, os rios comandam toda a vida de quem deles necessita para ir de um canto a outro da Amazônia. Por exemplo, é impossível ultrapassar a cidade de Boca do Acre, às margens do Purus, navegando por este rio, pois a partir daquele ponto ele não é mais navegável, “e isso no período das cheias”. Entretanto, há rios que na época das cheias chegam a atingir profundidades de até 130 metros, como é o caso do trecho do Amazonas que fica em frente a Óbidos.



Na Estação Naval do Rio Negro – SG Joselito recebendo alunos do Colégio Militar de Manaus em visita ao navio em comemoração à Batalha Naval do Riachuelo.

Na foto, sua filha Josiane.

Também nos rios as equipes da Mari-  
nha presenciam atividades ilegais de de-  
predação da floresta amazônica, como a  
extração indiscriminada de madeira. “Vári-  
as vezes, navegando, vimos grupos prati-  
cando essa atividade. Quando eles nos  
viam, fugiam, embrenhando-se na mata,  
achando que éramos da fiscalização.” Por  
outro lado, também travam contato com ou-  
tros grupos, estes legais, mas também in-  
teressados no que a flo-  
resta pode oferecer.  
“Conheci estrangeiros  
que estavam lá há mais  
de cinco anos, fazendo  
pesquisas na região. A  
Amazônia é muito rica  
e todo mundo sabe dis-  
so”, diz Joselito.

\*  
\* \*

Observador e bem-  
falante, o sargento fica-  
ria horas discorrendo sobre sua experiência  
na Amazônia, lembrando de coisas belas e de  
outras nem tanto, mas de coisas sempre sin-  
gulares. Como a madeira-ferro (ou pau-ferro),  
espécie de árvores que ficam à beira dos rios e  
que “mais parecem postes de ferro enfileirados  
na visão de quem passa de navio”. Ou como  
os cocos que contêm as castanhas-do-pará,  
tão grandes e duros que, ao despencarem de  
uma árvore, podem até matar uma pessoa.  
“Uma vez quase fui atingido por um. Mas a

par do perigo, os frutos são lindos, como um  
milagre perfeito da natureza”, filosofa.

Por tudo o que conta quem nela viveu  
por mais de cinco anos trabalhando e por  
tudo o que se lê e que se ouve sobre a  
Amazônia, o segredo de seu encanto deve  
ser mesmo estes contrapontos, estes con-  
trastes: nos rios, a placidez e o perigo; nas  
matas, a natureza e a pobreza dos muitos  
que nelas vivem. Uma pobreza que chega

aos extremos, como em  
localidades em que as  
pessoas nascem e mor-  
rem sem registro ne-  
nhum, sem jamais ter-  
em tido um documen-  
to sequer. “Certa vez fui  
a uma comunidade e vi  
cruzes dispersas em  
vários pontos, entre as  
casas ou longe delas.  
Eram pessoas enterra-  
das pelos seus própri-  
os parentes, sem nun-  
ca terem existido legal-

mente”, relata Joselito. E, com os olhos  
marejados, lembra das várias ocasiões em  
que o pessoal do navio se cotizava para  
comprar roupas e brinquedos para as co-  
munidades mais carentes. “As crianças fi-  
cavam numa alegria só. Algumas nunca ti-  
nham visto um brinquedo em suas vidas.  
Isso mexia muito com minha estrutura emo-  
cional”, confessa, em mais uma lembrança  
de seus cinco anos de uma aula ininterrupta  
de vida.

---



---

**E, com os olhos marejados,  
lembra das várias ocasiões  
em que o pessoal do navio  
se cotizava para comprar  
roupas e brinquedos para  
as comunidades mais  
carentes. As crianças  
ficavam numa alegria só**

---

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<ÁREAS> / Amazônia/; NAsH *Oswaldo Cruz*; Queiroz, Joselito P. de-SG;